

O Poder Mobilizador da Arte

Atriz cria
performance
para sensibilizar
participantes de
simpósio

*Dona Consciência,
caminhada
em imanência*

Performance de
Maicyra Leão
provoca o público
do simpósio



Num belo dia, como outro qualquer, a propósito de uma reunião ocasional com o Prof. Genebaldo Freire, fui convidada a participar artisticamente do Simpósio **Mudanças Climáticas Globais e Responsabilidade Social**. O convite permitiu abrir canais e espaços recheados de potência para a ação criativa. Em alguns segundos, nós dois, sergipanos que possuem uma afinidade cognitiva pré-histórica (antes da nascença), desenvolvemos uma *persona* transversal, capaz de percorrer imaginários, a “Dona Consciência”.

Tratava-se de uma construção quase arquetípica em que uma mulher (eu) vestida com uma roupa construída a partir de restos e vestígios de nossa existência (dejetos sólidos), perambulava por entre os participantes do Simpósio. O rosto estava maquiado belamente e com uma aparência de saudável, com traços finos e suaves que camuflavam os dentes podres que só eram expostos ao sorrir. E o sorriso, por sua vez, só acontecia quando havia a conexão, através do olhar, com os outros participantes também sorridentes. No ombro esquerdo, como os papagaios dos antigos piratas, estava uma placa com a seguinte frase: “Sou sua consciência ambiental”.

Estes foram o estímulo e o ato simbólico capazes de promover uma cadeia de reações diversas, incontroláveis e sinceras...uma passagem em meio a tantas cabeças pensantes e cheias de vontades.

A ação se resumia em andar, percorrer um espaço que estava sendo co-habitado por outros indivíduos e subjetividades variadas e heterogêneas, cada qual em sua instância de responsabilidade sócio-ambiental, mas mediados por um fator comum de ligação: a presença na universidade, instituída como um espaço para a troca e construção de conhecimentos.

Apesar de uma ação simples, a forma e a sutileza com era desenvolvida

geravam um estranhamento na percepção de um ato tão cotidiano. Os passos ocorriam em um tempo lento, lentíssimo, em contraste imediato à correria de nosso universo contemporâneo e fazia emergir daqueles corpos pensantes uma pausa, uma brecha, uma página em branco que não estava pronta para ser escrita ou impressa. A página, antes pelo contrário, estava sendo preparada não para letras, mas para traços, cores, cheiros, texturas e percepções.

Aqueles corpos tão habituados com o conhecimento e a estrutura supostamente segura da significação, depararam-se com um corpo vivo que promovia um outro tempo de conexão e remetia a contextos desconhecidos.

A primeira reação era um sonoro riso, uma gargalhada nervosa. Entre os desconcertos, justamente por não-saber, não-entender, iniciava-se um jogo de “empurra-empurra” entre amigos para que algum deles tivesse a coragem de investigar e descobrir os motivos e razões por detrás daquela figura, a Dona Consciência.

Ao se aproximar, com todos os receios cabíveis quando se adentra um universo desconhecido, o indivíduo corajoso se deparava com a *persona* fantasmagórica, abrindo seu sorriso apodrecido e desfazendo a aparência de um rosto belo e suave. As implicações analíticas do que era aquela imagem tratavam-se de uma crítica à sociedade que mantém suas aparências de limpeza e saúde, enquanto carrega de forma impregnada o seu lixo ou de uma crítica à elite e aos representantes do poder, principais fomentadores de uma irresponsabilidade ambiental; isso, deixo a cargo de cada vontade e imaginação. O que me interessa em especial é tentar compreender como é possível estabelecer uma conexão e uma comunicação através de sensorialidades e não apenas através de falas ou visualidades.

O olhar e a forma de caminhar geravam uma atmosfera capaz de remeter a uma dimensão e a um plano diferenciado no qual a relação entre os corpos e suas singularidades permitia explorar campos de intensidades que invadiam intimidades e sutilezas. A construção (ou desconstrução) gerada a partir do contato conseguiu superar a resistência de nossas fronteiras mais externas e afetar esferas interiores.

Como comentou Marina Abramovic, artista iugoslava que, desde a frutífera década de 60, contribui para a consolidação da *performance art*, em entrevista à artista multimídia Laurie Anderson:

“Você perguntou como era a conexão naquela performance. Eu realmente olhava para as pessoas na galeria. Para mim, os olhos são uma porta para **algo mais** (grifo meu), e, o que quer que esteja acontecendo em suas vidas, eu percebo.”

O encontro entre Corpos, na *performance art*, é capaz de gerar afectos (DELEUZE & GUATTARI, 1997) e estímulos secretos que superam o conhecido e o saber discursivo, invadindo nossas subjetividades e deslocando blocos seguros em nossas intimidades.

Qualquer dia desses, nossas “Dona Consciência” aflorarão, e perceberemos que o controle e a segurança das “verdades” são ilusões...

Referência Bibliográfica

- ABRAMOVIC, Marina. Entrevista a Laurie Anderson. In *Folha de São Paulo Caderno Mais!*, 17 ago. 2003.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix., *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3 e 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.